

FORMAÇÃO DO LEITOR DE POEMAS PELO LETRAMENTO: A CONFRARIA LITERÁRIA DO CA-UFSC EM AÇÃO

Arlyse Silva Ditter¹

Os índices das avaliações institucionais, ENEM, SAEB, PROVA BRASIL, ainda continuam a indicar falhas na formação do leitor brasileiro. No ENEM do ano de 2014, dos quase 6,2 milhões de estudantes que fizeram a prova, apenas 250 conseguiram a nota máxima e 529.374 zeraram a redação. O balanço divulgado pelo Ministério da Educação mostra que 217.339 zeraram a prova por fugir ao tema. Como a leitura e a escrita são práticas que se retroalimentam, percebe-se nesse resultado uma falta de articulação dessas duas habilidades. Desde que o ENEM teve início, seus resultados revelam, recorrentemente, falhas no processo de formação do leitor, como nos coloca Amorin (2006). Os fatores responsáveis são frutos de uma conjuntura complexa, se analisada mostrará a necessidade da criação de ações em várias instâncias para compreensão e mudança desse cenário. Necessita-se de políticas públicas para formação do leitor, para formação docente, para construção e o fomento de bibliotecas públicas etc. À escola cabe rever-se, reinventar-se em espaços e tempos pedagógicos para promover a construção dessas habilidades. Como afirma Cosson, “nossa leitura fora da escola está fortemente condicionada pela maneira como ela nos ensina a ler. Os livros, como os fatos, jamais falam por si mesmos. O que os fazem falar são os mecanismos de interpretação que usamos, e grande parte deles são aprendidos na escola.”(COSSON, 2006, p. 26)

A Confraria Literária do Colégio de Aplicação da UFSC, um projeto de pesquisa e extensão, busca se somar ao trabalho de sala de aula – curricular - contribuindo na formação do leitor. Nesse projeto, a comunidade interna e externa da UFSC reúne-se, em horário extracurricular para, horizontalmente (a partir da troca entre os diferentes formações e níveis de leitura dos confrades), apreciarem objetos culturais em várias linguagens: filmes, romances, música, poemas. Prevê (re)criar estratégias de leitura, priorizando a experiência estética. O projeto surgiu em 2013. Surgiu um grupo que queria vivenciar a Literatura: realizar leituras dramáticas, declamar poemas etc. No início eram 20 integrantes, confrades, em sua maioria alunos do ensino fundamental II e médio, e professores do Colégio de Aplicação da UFSC. Desde então, esse projeto ampliou-se em várias direções. Sob a teoria da pesquisa-ação, reuniões delineadas como assembleia ocorreram no final e início de cada ano letivo para avaliar e projetar encontros. A pesquisa-ação, como método de conhecimento da realidade, tem utilizado várias matrizes, mas sua principal característica é a intervenção que realiza, produzindo ações educativas e conscientizadoras entre os envolvidos. Conforme Thiollent (1985), na pesquisa-ação acontece, simultaneamente, o “conhecer” e o “agir”, uma relação dialética sobre a realidade social desencadeada pelo processo de pesquisa.

Nos mais de 40 encontros realizados, aproximadamente 400 pessoas passaram pela Confraria Literária do Colégio de Aplicação, e 200 delas são “habitués”, que se revezam na presença, sempre conforme interesse. Os encontros são conduzidos por docentes ou discentes da comunidade. As modalidades para discussão são o Café Cinematográfico, a Sobremesa Literária, a Prosa com o Autor, a Viagem Literária, a Contação de Histórias. Pode-se dizer que há um perfil do grupo:

- ser aberto a todos os gêneros literários e cinematográficos, a todos os estilos musicais;
- a dinâmica que orienta a proposta para cada encontro, é a de provocar o contato com a obra escolhida por experimentações estéticas (uma pergunta, um desenho, uma dinâmica, etc).

¹ CA-CED-UFSC, Florianópolis, Santa Catarina. E-mail: arlyse@gmail.com.

Quase sempre não é exigido que o aluno leia, previamente, a obra prevista para o encontro. Ela é abordada na íntegra, a partir do ponto de vista provocativo, uma proposta de “experimentação”;

- "iniciar" o confrade com o ritual proposto desde a fundação da Confraria. Na primeira vez presente em reunião do grupo, o confrade é convocado a socializar uma leitura ;
- logo de início os confrades criaram um grupo fechado em uma rede social, que funciona como ponto de encontro. Atualmente, a Confraria tem ainda uma página pública, e um site que, respectivamente: divulga os eventos do projeto para possíveis integrantes, ampliando o público; e arquiva, virtualmente, o trabalho;
- no que se refere à metodologia, os encontros são planejados a partir da teoria de base, o Letramento, no caso o Letramento Literário.

O Letramento Literário, segundo Cosson (2006), é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. Esse processo ocorre num ato contínuo, como algo inacabado, sempre em construção. A cada vez que se tem contato com um objeto literário, mais nos apropriamos da linguagem literária e, assim, nos tornamos aptos para apropriações mais amplas. Para ativar esse processo é necessário: propiciar o contato direto entre leitor e obra, com a inserção de manifestações culturais e suportes variados e uma mediação sistematizada para o desenvolvimento da competência do leitor na linguagem literária, junto a uma comunidade leitora. A partir do ato de leitura, ele sugere uma metodologia em que, na construção de seus pressupostos teóricos, trabalha com teorias linguísticas sobre o processamento sócio cognitivo da leitura, discutindo questões importantes como a decodificação, interpretação, construção de sentido de um texto.

Cosson (2006) defende, portanto, duas propostas metodológicas para o Letramento Literário: a Sequência Didática Básica e a Sequência Didática Expandida. A primeira é indicada para as séries iniciais. A segunda, a Sequência Didática Expandida é a utilizada como norte metodológico do projeto da Confraria Literária do CA-UFSC, por ser indicada para leitores do ensino fundamental e médio. Ela é constituída pelas seguintes etapas: motivação, leitura, interpretação interior, interpretação exterior, expansão e avaliação.

- A MOTIVAÇÃO prepara o aluno para o texto. Se bem elaborada, ela facilitará o todas as etapas subsequentes.
- A LEITURA pode ser em voz alta, ou baixa; coletiva, ou não. Opcionalmente, pode ser feita uma introdução com a apresentação do autor ou da obra.
- Já a INTERPRETAÇÃO, tanto a INTERIOR quanto a EXTERIOR, constitui-se das inferências necessárias para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e o grupo a que está inserido.
- A EXPANSÃO ocorre com a socialização das percepções que o leitor teve durante a interpretação exterior, que foi direcionada por uma contextualização (teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática) provocada pelo responsável pelo encontro, e que se soma ao repertório cultural de cada participante. Até aqui, via de regra, essas etapas são seguidas como estão. Mas a última sofreu uma adequação como se pode notar.
- A etapa da AVALIAÇÃO, que prevê uma sistematização a ser mensurada no processo curricular, no projeto da Confraria, é substituída por outra, pela etapa de PRODUÇÃO. Afinal, o encontro não prevê uma formação curricular. Até avaliamos a dinâmica, com todos os participantes, ou por amostragem. Mas quanto à leitura, solicitamos um registro: uma frase síntese, um desenho, um pequeno texto. Algo que faça com que o participante socialize

suas percepções. Essa produção costuma revelar o mais importante do encontro: a experiência estética. Pois acreditamos que, se bem provocada e realizada, essa experiência pode suscitar no leitor o desejo de ler mais do autor, do gênero ou sobre o tema. É o que indicam Cosson e Paulino (2009) sobre o processo de formação do leitor pelo Letramento Literário.

A experiência da literatura amplia e fortalece esse processo, ao oferecer múltiplas possibilidades de ser o outro sendo nós mesmos, proporcionando mecanismos de ordenamento e reordenamento do mundo de uma maneira tão, e às vezes, até mais intensa do que o vivido. É importante enfatizar que essa experiência se passa tanto no plano individual quanto no social, pois o (re) conhecimento do outro e o movimento de desconstrução do mundo contribuem para compor, convalidar, negociar, desafiar e transformar padrões culturais, comportamentos e identidade à medida que nos levam a viver as muitas possibilidades de experiência que só a liberdade de um mundo feito de palavras pode oferecer. (Cosson e Paulino, 2009, p. 69-70)

Na análise de cada etapa da Sequência Expandida, em todos os encontros da Confraria, realizamos os passos da pesquisa-ação, que prevê a avaliação e auto avaliação dos processos analisados, o que dinamiza as ações de transformação social. A partir das avaliações dos alunos, adequamos as abordagens, procurando ser o mais assertivo nas próximas experiências estéticas de leitura.

Este pequeno relato pretende socializar um dos encontros do projeto, fomentando assim a reflexão sobre as práticas que levam ao processo de Letramento Literário e, conseqüentemente, à formação do leitor.

Em um dos encontros da Confraria Literária do CA-UFSC, na modalidade de Sobremesa Literária, foi proposto aos confrades a apreciação dos haicais do poeta Paulo Leminski. O encontro durou 45 minutos, no intervalo da hora do almoço. Compareceram pouco mais de 20 confrades de diferentes séries do ensino fundamental e médio, além de graduandos, uma mãe e uma vó de participantes. Pretendia-se, além de mostrar a natureza desse gênero textual, impactar o leitor para sua característica mais importante: o *kigô*, também grafado sem o acento. O *kigô* é a menção à natureza, é um *termo- de- estação*, ele remete aos elementos das quatro estações. Como explica Franchetti (2008), entendido de uma maneira ampla, o *kigô* é a palavra ou expressão associada a uma entidade natural, capaz de disparar associações afetivas a partir de uma cena concreta, de maneira muito econômica. Atingido esses objetivos, pretendia-se, ainda, mostrar como o autor curitibano reinventa o tradicional poema japonês, inserindo o humor, tão característico de sua obra. A arquitetura dessa proposta segue nas etapas:

- **MOTIVAÇÃO:** A sala foi ambientada com música japonesa instrumental. Na tela de projeção havia fotos em que os confrades participantes apreciaram muitos jardins construídos sob a tradição japonesa. Solicitou-se que escolhessem em pequenos recortes de papel as palavras que sintetizassem as sensações e pensamentos suscitados pelas imagens. Junto a essas palavras foi entregue um envelope, com a prescrição de uma atividade: compor um poema com determinado número de versos e que abordasse a natureza, o tempo presente e fosse uma elegia negativa ao ego. Ou seja, ele deveria compor um haicai.
- **LEITURA:** Como possível resposta ao desafio foi lido em voz alta um haicai de Leminski (2010). Buscou-se nele aquelas características da atividade proposta.
- **INTERPRETAÇÃO INTERIOR:** Cada participante recebeu 2 a 3 haicais – um traduzido da tradição japonesa, outro de algum autor brasileiro contemporâneo e um do Leminski. Os

confrades participantes foram convidados a ler e expor suas percepções, principalmente, as sensoriais.

- **INTERPRETAÇÃO EXTERIOR:** Após uma contextualização histórica e estilística, com enfoque a chegada dele no Brasil, a partir da primeira imigração japonesa, no final no século XIX, foi apresentado: o autor do encontro, sua poética, e sua produção de haicais. Como nos exemplos abaixo:

Texto 1
FRUTAS QUE SÓ FICAM
MADURAS DEPOIS DE COLHIDAS
MINHAS VELHAS CONHECIDAS
Leminski(2013)

Texto 2
SÓ MESMO UM VELHO
PARA DESCOBRIR,
DETRÁS DE UMA PEDRA,
TODA PRIMAVERA.
Leminski (2013)

- **EXPANSÃO e PRODUÇÃO:** Por ser um encontro com pouco tempo para discussão, as duas últimas etapas da proposta metodológica foram realizadas em uma única atividade. Os participantes/confrades foram desafiados a compor um mural. Seria um mosaico dos haicais, com os pontos de intertextualidade surgidos entre os elementos das 4 estações (o kigô) de todos os autores lidos nas etapas anteriores.

Ao final, convidamos cinco participantes para avaliarem a proposta. Buscou-se analisar desde os conhecimentos prévios sobre o tema e o autor, ao impacto de leitura, dentre outros aspectos da metodologia escolhida. Aqui encontra-se um recorte dessa avaliação e uma breve análise que em outra oportunidade será aprofundada. Em S, leia-se sujeito.

Quanto aos conhecimentos prévios

A maioria dos alunos/confrades declararam inicialmente desconhecer a obra de Leminski.

S1 Vim porque minha mãe disse que esse cara é bom, que eu ia gostar.

S5 Eu sabia só que esse texto é pequeno como tudo do japonês, mas esse monte de outras coisas, eu nem imaginava.

Quanto ao impacto da obra

Tanto a forma, quanto o conteúdo foram bem recebidos pelos leitores/confrades.

S1 Não imaginava que um poema pequeno desse tanto trabalho para entender.

S2 Acho que vou prestar mais atenção ao que a natureza diz pra gente a cada estação.

S4 Esses poemas dão um rap.

Quanto a proposta de abertura e fechamento

A provocação estética sensorial deu efeito.

S3 Música e arte tem tudo a ver com natureza.

S5 Os textos se cruzam, como a vida né?

Quanto aos aspectos falhos da proposta

Todos reclamaram do pouco tempo de interação.

S2 Deveria ter mais elementos da cultura japonesa para a gente conhecer mais

S4 Eu não consegui falar. Queria dizer como o Brasil tem kigôs diferentes.

Houve aquele participante que já tinha um pequeno conhecimento do gênero, sabia da origem e da extensão do haicai, mas descobriu outras características. Um deles interagiu com a

partir da sua experiência com o rap, viu no poema japonês alguma musicalidade semelhante ao ritmo norte-americano. Entretanto, o que mais chama a atenção, são as respostas que revelam a interação com, e através, da linguagem literária, com sua vida, como o S5 que afirmou que os textos se cruzam como a vida. Enfim, a estratégia proposta trouxe ao leitor os passos necessários para o seu “encantamento” com o texto e uma compreensão mais elucidativa do objeto cultural. No repertório de cada confrade, agora, há mais elementos da linguagem literária e seu universo, o que certamente favorecerá seu trâmite como leitor e escritor. O Letramento Literário precisa ir além dos espaços curriculares. Como bem colocou S3 interpretando o haicai 1, que refere-se ao kigô de muitas estações, às frutas que cada estação gera: “É, sabemos amadurecer as frutas quando queremos”. A escola sabe ensinar a ler, sabe formar leitores.

Referências

AMORIN, Galeno (Org.). **Políticas Públicas do Livro e da Leitura**. Brasília: Cultura Acadêmica Editora, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, R.; PAULINO, G. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZIBERMAN, R; ROSING, T. M. K. (Org.). **Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

FRANCHETTI, Paulo. O Haicai no Brasil. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, jul./dez., 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acessado em: 28/08/2016.

_____. **Toda poesia**. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 2013.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.